



## Não Existe Notícia Falsa<sup>1</sup>

Frank Wyllys Cabral LIRA<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM

### Resumo

Trazendo esse problema jornalístico para a filosofia, investigo o conceito de notícia falsa. Para isso, com relação a notícia, faço uma caracterização relativamente ampla do seu processo de produção. Depois, discuto sua fundamentação em bases epistêmicas sem levar em conta o ceticismo e o problema de Gettier. Por último, busco estabelecer uma definição do conceito de notícia falsa, permitindo a sua investigação filosófica. Concluo que não existe notícia falsa, pois ela é inadequada para descrever o fenômeno que se pretende.

**Palavras-chave:** jornalismo; notícia falsa; filosofia; epistemologia; metafísica.

### Sobre a notícia

A notícia, além de ser considerada a matéria-prima do jornalismo, cabe a tudo aquilo que um jornal publica. Esta seria a definição ampla de notícia. O que trabalharei neste ensaio será a *definição restrita de notícia*: a notícia é um texto informativo, mais ou menos curto, claro, direto, conciso e elaborado a partir de regras de codificação solidamente determinados<sup>3</sup>. Adiciono a definição restrita o seguinte recorte: deve-se ter em mente, durante todo o restante do ensaio, que a notícia da qual falo é aquela publicada na Web, ou seja, é aquele texto correspondente a definição restrita de notícia publicado em um site que funciona no sistema hipertextual da internet. A importância de assim trabalhar a notícia está em poder fornecer uma imagem precisa e recortada da mesma, onde ela corresponde com aquilo que realmente se publica. Mas como se chega a notícia que é publicada? Respondo: através do *processo de produção jornalística* - este diz respeito ao método que o jornalista utiliza para elaborar uma notícia. O processo de

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP 01 História, Teoria e Epistemologia do Jornalismo do II Congresso de Jornalismo da Amazônia.

<sup>2</sup> Estudante de Licenciatura do Curso de Filosofia do IFCHS-UFAM, email: [frankwcl@gmail.com](mailto:frankwcl@gmail.com).

<sup>3</sup> ALVES, 2000, p. 57.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



produção jornalística é constituído, respectivamente, de quatro etapas: *pauta*, *apuração*, *redação* e *revisão*. Logo, todos os processos devem ser devidamente cumpridos para que a notícia sê-la. Isto posto, julgo ser sábio apresentar mais detalhes dessas etapas<sup>45</sup>.

A notícia, para vir a sê-la, começa de algum lugar. A *pauta*, norte e ponto de partida da notícia, é responsável por dar ao jornalista as mínimas orientações sobre a elaboração de uma notícia, instruindo-o no básico de como ela será feita. A pauta é geralmente elaborada pelo editor do jornal, listada por ele através de uma reunião com os jornalistas da redação ou sugerida pelos leitores do jornal. Ou seja: a pauta é, a princípio, originada de maneira premeditada. Entretanto, não é necessário que ela se origine dessa maneira: alguns acontecimentos, quando relevantes o suficiente, podem vir a tornar-se pautas - ou serem fortes candidatos para isso<sup>6</sup>. A pauta é composta de elementos próprios. A composição começa inicialmente por um *tema*, seguido da sua *sinopse*. Com o tema, a pauta tem um norte. A *sondagem* é uma apuração preliminar à formulação da pauta - essa parte da pauta permite não somente fundamentações para a defesa da pauta como também estabelece a viabilidade da mesma. Em seguida, vem o *histórico*: ele situa o jornalista no cenário da notícia a ser elaborada, apresentando - antes de efetivamente abordá-lo - o que é o ou o que foi o assunto. Logo depois vem a *matéria*: é a parte onde se encontra uma breve descrição sobre como o jornalista irá agir para elaborar a notícia. A *abordagem*, fruto da *angulação*<sup>7</sup>, é responsável por individualizar a matéria, permitindo que um determinado acontecimento possa ser contado de diferentes maneiras. Além disto, temos as *fontes*: elas portam a informação - entrarei em mais detalhes sobre as fontes na parte da apuração. Depois, temos as *imagens*: seja uma ou mais fotos ou vídeos - ou ambos -, este representa um material responsável por ilustrar ou comprovar o que a notícia reporta ou virá a reportar.

<sup>4</sup> A ideia é poder trazer os principais detalhes da produção da notícia e clarear nossa visão sobre o objeto de investigação.

<sup>5</sup> Não sendo este um ensaio estritamente jornalístico, em muitos momentos deixarei de precisamente definir determinados termos técnicos em prol da caracterização/explicação do que ele é - tal opção não irá comprometer as articulações desse ensaio.

<sup>6</sup> Para saber mais, ver SILVA, 2005.

<sup>7</sup> Angulação é a maneira de determinar uma abordagem em uma matéria jornalística, ditando a forma de como a matéria será feita - essa forma varia dentro do tema, linha editorial, jornalista e do público que adquire o jornal.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



A *apuração* é o passo da produção jornalística que objetiva o levantamento de informações concernentes a um fato de potencial jornalístico. Ou seja: frente a um acontecimento significativo e interessante, a apuração reduz a incerteza, constrói sentido e dá rigor as informações obtidas com relação a tal acontecimento - dando mais força e credibilidade a notícia que será redigida e publicada baseado nessa apuração. A apuração parte de dois componentes importantíssimos: a *pauta* e as *fontes*. Dado a pauta já ter sido descrita nos parágrafos anteriores, resta dar mais detalhes sobre as fontes. Em resumo, as fontes são portadoras fiáveis de informações referentes a um acontecimento relevante suscetível de gerar uma notícia. A definição de fonte que uso é baseado nessa que cito abaixo, mais extensa:

Fontes de notícias são pessoas, organizações, grupos sociais ou referências; envolvidas direta ou indiretamente a fatos e eventos; que agem de forma proativa, ativa, passiva ou reativa; sendo confiáveis, fidedignas ou duvidosas; de quem os jornalistas obtêm informações de modo explícito ou sigiloso para transmitir ao público, por meio de uma mídia. (SCHMITZ, 2010, p. 32).

Estando de maneira implícita na definição que dou através da citação acima, fica claro a pluralidade e diversidade que as fontes resguardam - tal pluralidade requer uma apreciação, uma *análise* das fontes. Porém, a análise das fontes não é o único ponto apreciado por um jornalista com relação as mesmas. Temos também a *abordagem* e a *entrevista*. A abordagem define em que momento e ordem o jornalista mantém contato com as fontes. A abordagem pode ser por ordem de importância - partir da fonte menos importante para a maior - ou ordem de crítica - partindo ordenadamente da fonte com atitude desfavorável ao fato investigado ao de atitude favorável, passando pela de atitude neutra. A entrevista é o momento em que o jornalista vai de encontro com as suas fontes para consultá-las, ouvi-las. Considerando que o jornalista não consegue estar em todos os locais das ocorrências ou geralmente não está próximo delas, ele “[...] precisa ouvir quem presenciou algo que mereça ser divulgado”<sup>8</sup>. É recomendável ter um roteiro de como proceder e o que obter de respostas com relação a fonte.

---

<sup>8</sup> ERBOLATO, 1991, p. 156-157.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



A redação trata da elaboração estrutural da notícia e suas técnicas de escrita. O primeiro se conecta com a forma da notícia; o segundo, com o seu emprego cuidadoso da linguagem. A forma seria a pirâmide invertida; a linguagem, o uso específico de determinadas regras semânticas e gramaticais.

Começamos pela forma da notícia. A pirâmide invertida é a técnica de estruturação do texto jornalístico em que as informações são dadas por ordem decrescente de importância. A notícia, redigida na forma de pirâmide invertida, é composta de título, lead e construção por blocos. O título é a frase que se dispõe acima do texto jornalístico, anunciando-o. Tem por finalidade tanto a orientação geral do leitor sobre a notícia que titula quanto despertar o seu interesse em lê-la. O lead é aquele primeiro parágrafo da notícia que informa imediatamente ao leitor do mais importante no fato noticiado. Por exemplo: se o leitor, necessitando logo se informar, mas dispondo de pouco tempo, pode apenas ler esse primeiro parágrafo para estar suficientemente informado - pois tomou conhecimento do que é fundamental na notícia. Para atingir isso, o lead requer o cumprimento de duas condições: ser atraente e, dependendo do acontecimento, responder todas as suas seis questões fundamentais. Um lead atraente fixa a atenção do leitor e o convence a ler a notícia até o seu fim. As tais questões fundamentais são: O Quê, Quem, Quando, Onde, Porquê e Como. O lead as responde e é constituído por elas. Após o lead, temos um ou mais parágrafos subsequentes. Sua redação deve ser complementar e interdependente: complementar em consequência dos detalhes a serem dados sobre o fato noticiado, desdobrando o lead em sua profundidade; interdependente devido a autonomia que os parágrafos subsequentes tenham um do outro, mas ainda sim mantendo alguma conexão coerente entre eles. A construção por blocos é essa redação complementar e interdependente dos parágrafos subsequentes ao lead, pois remete a forma da pirâmide invertida - ou seja: guia a construção dos parágrafos em ordem decrescente de importância.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



O emprego cuidadoso da linguagem presente na redação de uma notícia reafirma o princípio da objetividade<sup>9</sup> presente na sua forma, refinando-a. A escrita deve ser a mais inteligível possível. O jornalista deve antecipar as dúvidas que os leitores possam vir a ter e respondê-las. Além disso, segundo Lage, “Quem escreve a notícia tem postura ética distinta: sua preocupação é saber se a informação tem importância ou desperta interesse o bastante para ser publicada [...] mantendo a conformidade com os fatos.”<sup>10</sup>. É possível reconhecer essa ideia de que a verdade está inerente a notícia devido a adequação de seu enunciado aos fatos que expõe. Entretanto, não basta a notícia se afirmar verdadeira, ela precisa parecer - para atingir isso, é oportuna uma maior quantidade de detalhes, pois resulta num efeito proporcional de realidade. A linguagem jornalística, visando garantir sua neutralidade e atestar sua veracidade, faz uso obrigatório da terceira pessoa. Sua retórica, como apontado, é referencial. Seu modo verbal é o indicativo. Os acontecimentos são apresentados como se já estivessem concluídos - isso acontece por ação do verbo central do lead ser perfectivo: o perfectivo é relativo a um evento que terminou ou terá terminado de acontecer. Perante grandezas da qual não temos um referencial de consenso, o emprego de comparações é aconselhável.

A revisão é a atividade que examina ou interfere no texto jornalístico. Seu objetivo é claro: corrigir as falhas da notícia ainda não publicada produzida pelo jornalista ou, caso haja uma ou mais falhas graves, impedir definitivamente a sua publicação. Esse passo da produção jornalística é indispensável devido a discrepância entre (1) a alta complexidade da atividade jornalística e (2) seu objetivo aparentemente simples de apresentar um relato objetivo, curto e direto de um acontecimento relevante. Dentro desse cenário de constante tensão, a revisão surge como um controle diplomático de qualidade. Ao revisar o texto jornalístico, enquanto pretensa notícia e visando a sua melhoria, averigua-se nele a possibilidade de corrigir erros ortográficos e técnicos. A correção ortográfica - focada

---

<sup>9</sup> É o ser humano que produz a notícia. Ele é inevitavelmente - mas não totalmente - subjetivo. A objetividade como princípio do jornalismo vem para reconhecer essa inevitabilidade, não para opor-se a ela - como é erroneamente definida. Sabido disso, o jornalista deve estar munido de ferramentas que permitam a construção de um retrato da realidade da maneira mais objetiva, isenta e rigorosa possível - sendo esse rigor inspiradamente científico. Dentre essas ferramentas, discorri até esse ponto do ensaio sobre mais da metade delas. Prossigo na apresentação de mais algumas destas.

<sup>10</sup> LAGE, 2004, p. 25.



muito mais na linguagem jornalística - filtra, por exemplo, erros de grafia, uso da crase, concordância, regência, vícios, incoerências, repetições, etc, para depois interferir nelas. A correção técnica - focada na forma do texto jornalístico - atinge as informações apuradas. Essa revisão especificamente técnica da notícia, segundo Pereira Junior, “[...] pode nos contar muito sobre o trabalho que foi fazê-la. Assim que escrita, um editor pode fazer um tira-teima das informações apuradas e checar a validade do que é noticiado”<sup>11</sup>.

### **Das bases epistêmicas da notícia**

A tese que aqui defenderei é a de que *a notícia é uma forma de conhecimento por testemunho*. Isso significa defender tanto (1) a possibilidade de existir algum conhecimento jornalístico quanto (2) a notícia ser um conhecimento testemunhal. O que é conhecimento? Conhecimento é crença verdadeira justificada - esta é a definição tradicional de conhecimento<sup>12</sup>. Formalmente, esta se apresenta da seguinte maneira:

S sabe que  $p$ , se e somente se

1.  $p$  é verdadeiro
2. S acredita que  $p$
3. S está justificado em acreditar que  $p$

A definição tradicional do conhecimento é esse aglomerado de quatro teses filosóficas: enquanto as três primeiras são condições individualmente necessárias, a quarta tese trata como suficiente a satisfação conjunta das três anteriores - a quarta tese foi posta fortemente em xeque por Gettier (1963), mas não irei aqui considerá-la por uma questão de simplicidade. Além disso, com relação aos tipos de conhecimento<sup>13</sup>, irei considerar apenas o conhecimento proposicional, ou seja, o conhecimento de uma proposição verdadeira. Por fim, se a notícia é uma forma de conhecimento por

<sup>11</sup> PEREIRA JUNIOR, 2006, p. 88.

<sup>12</sup> ver SOBER, 2002; RODRIGUES, 2013.

<sup>13</sup> ver NUNES, 2015.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



testemunho, então ela atende os critérios estabelecidos pela definição tradicional de conhecimento, ou seja: é possível defender que a notícia atende as condições de verdade, crença e justificação - como bem dizem Lisboa e Benetti, “[...], o sujeito deve crer que o jornalismo diz a verdade, e esta verdade deve estar justificada em seu próprio discurso.”<sup>14</sup>.

Para atender o critério da Verdade, o ponto de partida está em ter observado na etapa da redação a notícia corresponder à realidade. Também apontam isso Lisboa e Benetti, por exemplo, onde sustentam “[...] a ideia de que a verdade no jornalismo se ampara na ligação que seu discurso (e seus enunciados) mantêm com a realidade”<sup>15</sup>. Essa intuição não é algo em vão: a teoria do espelho<sup>16</sup> defende essa ideia em questão. Todavia, em termos filosóficos, tais indícios apontam para a Teoria da Correspondência (TC) como aquela que dá suporte epistêmico a verdade da notícia. A TC define a verdade como a correspondência de uma proposição com um fato. Costa (2005) apresenta essa definição da seguinte maneira: a proposição de que  $p$  é verdadeira é igual a proposição de que  $p$  corresponde ao fato. Isso significa dizer que, por ser produzida a partir de uma complexa série de estratégias discursivas e investigativas, uma notícia sobre determinado fato relevante é verdadeira quando essa notícia corresponde ao fato. Ou seja: se a notícia descreve a realidade de maneira adequada, a notícia é verdadeira.

Para bem tratarmos sobre os critérios de crença e justificação, desenvolver a Epistemologia do Testemunho é preciso para explicar de maneira adequada nossa crença e justificação numa notícia. Primeiro: qual a definição de testemunho? A definição de Moreira - com ligeira modificação minha - é a seguinte<sup>17</sup>:

T testifica que  $p$  para um ouvinte  $S$  se, e somente se, por meio da declaração de T de que  $p$ , (1) T racionalmente intenciona transmitir a informação que  $p$  a  $S$  ou (2)  $S$  racionalmente toma a declaração de T de que  $p$  como informação de que  $p$ .

<sup>14</sup> LISBOA; BENETTI, 2015, p. 11.

<sup>15</sup> LISBOA; BENETTI, 2015, p. 13.

<sup>16</sup> “Ela foi a primeira metodologia utilizada na tentativa de compreender porque as notícias são como são, ainda no século XIX. Sua base é a ideia de que o jornalismo reflete a realidade. Ou seja, as notícias são do jeito que as conhecemos porque a realidade assim as determina. A imprensa funciona como um espelho do real, apresentando um reflexo claro dos acontecimentos do cotidiano.” (PENA, 2008, p. 125).

<sup>17</sup> (MOREIRA, 2015, p. 19).



Imagine que  $T$  seja o jornalista,  $S$  o leitor e  $p$  a notícia. Um jornalista, ao escrever uma notícia, relata o fato intencionando transmiti-lo para outras pessoas além dele. O leitor, frente a notícia, ao lê-la, pode tomar para si aquilo que está dito na notícia. A notícia preenche a definição de testemunho em razão de atender as suas duas cláusulas - mesmo que a exigência seja apenas a de satisfazer uma das cláusulas para  $p$  ser tomado como testemunho. Estando sabido tanto qual a definição de testemunho quanto a notícia preencher as cláusulas que o definem, prossigo para a questão da justificação testemunhal. Um testemunho, além de ser uma fonte de crenças, é uma fonte de justificação quando a testemunha é confiável. Imagine novamente que  $T$  seja o jornalista e  $p$  a notícia. A testemunha, segundo Moreira - com ligeira modificação minha -, se apresenta de maneira confiável da seguinte forma<sup>18</sup>:

$T$  é confiável ao testemunhar que  $p$  se, e somente se, (I)  $T$  é sincero quanto a  $p$  (i.e.,  $T$  acredita que  $p$ ) e (II)  $T$  é competente (ou tem autoridade) para acreditar justificadamente que  $p$ .

Um jornalista é sincero quanto a notícia, pois acredita naquilo que escreveu. Além disso, o jornalista tem autoridade e competência para formar uma crença justificada acerca da notícia que escreveu - sua competência e autoridade assentam em conhecer e aplicar todas as etapas do processo de produção jornalística. Por cumprir os requisitos (I) e (II), conseqüentemente, o jornalista é uma testemunha confiável. Retomo a pergunta feita por mim: quando estamos justificados a acreditar numa notícia? Estamos justificados a acreditar em uma notícia quando temos justificativa de que o jornalista que a produziu é confiável - e, se o jornalista é confiável, a notícia é confiável.

Se (1) crença é um estado mental que representa de forma proposicional um determinado estado de coisas e (2) o testemunho é uma declaração informativa geradora de crença, o critério da Crença é atendido quando se confirma que a notícia é uma forma

---

<sup>18</sup> (MOREIRA, 2015, p. 21).



de testemunho. Se justificação é a razão ou evidência apresentada para sustentar nossa crença de que algo é verdadeiro, o critério da Justificação é atendido quando temos o jornalista que produziu a notícia é confiável.

A notícia é verdadeira, cremos na notícia e estamos justificados a crer na notícia. Além de ser conhecimento por atender as condições necessárias e suficientes da definição tradicional de conhecimento, a notícia demonstra ser não somente uma forma específica de conhecimento por testemunho como também demonstra a possibilidade de haver algum conhecimento jornalístico.

### **Sobre o conceito de “notícia falsa”**

Conceito é um termo geral utilizado pelo pensamento para representar uma parte específica da realidade. Um conceito pode ser tanto aberto ou fechado<sup>19</sup> quanto deter uma extensão<sup>20</sup> ou intensão<sup>21</sup>. Com relação a um conceito ser aberto ou fechado, este será um ou outro dependendo do conjunto de características fixas advindos das condições necessárias e suficientes requeridas na definição de um ou outro: se o conceito for fechado, isso significa que este detém tal conjunto de características fixas advindos das condições necessárias e suficientes; se for aberto, este não terá isso, ou seja, o conceito aberto é corrigível ou ajustável - o conceito de arte seria um exemplo de conceito aberto. Além de fechado ou aberto, um conceito possui tanto extensão quanto intensão. A extensão de um conceito é o total de objetos que este se refere. A extensão do conceito de roda, por exemplo, são todas as rodas ou são todos aqueles objetos que tem as intensões de uma roda. A intensão de um conceito são as propriedades que o caracterizam ou identificam. A intensão de uma roda, por exemplo, seria a sua forma circular e sua capacidade de rotacionar - geralmente essa rotação se dá tendo como eixo seu próprio centro.

<sup>19</sup> CONCEITO ABERTO/CONCEITO FECHADO, 2019.

<sup>20</sup> EXTENSÃO, 2019.

<sup>21</sup> INTENSÃO, 2019.



As pessoas, aparentemente, tratam a notícia falsa como um conceito. Ou seja: dentro da realidade em que estamos vivendo, usamos o termo geral “notícia falsa” para recortar uma determinada porção dessa realidade afim de nos referirmos aquilo que exemplifica as características que identificamos como pertencentes a sua intensão. Sendo notícia falsa um conceito, qual seria a sua definição? Quando Craig Silverman, editor do BuzzFeed News, começou a usar o termo em 2014, o fazia no sentido que podemos assumir hoje como aquele que temos geralmente em mente: “[...] informações completamente falsas que foram criadas e divulgadas com fins lucrativos”<sup>22</sup>. Uma outra definição de sentido similar seria “[...] artigos de notícias que são intencionalmente e verificadamente falsos, podendo enganar os leitores”<sup>23</sup>.

Todavia, aqui estamos a filosofar. Logo, não somente deve-se trabalhar a partir de um conceito claro, longe de qualquer ambiguidade ou vagueza, mas também dentro do recorte epistêmico anteriormente feito para tornar a notícia um problema filosófico. Considerando o recorte epistêmico a ser feito e as duas definições anteriormente apresentadas, duas coisas podem ser imediatamente cortadas: a intencionalidade – este seria um conceito de filosofia da mente – e o engano – este seria um conceito da ética. Após esses cortes, epistemicamente falando e devendo-se aqui entender notícia como aquele resultante da sua fundamentação epistêmica, isto é, uma forma específica de conhecimento por testemunho, pode-se definir a notícia falsa como toda notícia composta apenas de proposições falsas. É possível ser ainda mais conciso: se uma notícia é composta apenas de proposições falsas, então esta é integralmente falsa. Por conseguinte, reverberando na definição sem causar nenhuma perda a mesma, *notícia falsa é toda notícia que é falsa*.

Algo de muito incômodo salta aos olhos quando estamos diante da definição epistêmica de notícia falsa. Tal conceito, através dessa definição, parece abarcar ao mesmo tempo tanto um conhecimento quanto a sua falsidade, isto é, que este é um conhecimento falso. Estando aqui sabido que estamos a raciocinar em termos

---

<sup>22</sup> SILVERMAN, 2019.

<sup>23</sup> TANDOC JR.; LIM; LING, 2018, p.38 *apud* ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 213.



epistêmicos, é possível o conhecimento falso? Em outras palavras: é possível saber algo falso? O conhecimento é crença verdadeira justificada. A afirmação de fundo da definição em questão - é possível saber algo falso - nos diz que é possível existir conhecimento sem que aquilo que afirmamos conhecer seja verdadeiro. Dado que a verdade é uma das condições necessárias para conhecer e sabendo que não é possível conhecer sem que suas condições estejam satisfeitas, conclui-se por falso a possibilidade de sabermos algo falso. Caso eu implique que sei coisas falsas, a verdade não deve ser uma das condições necessárias para o conhecimento. Mas a verdade é uma das condições a serem atendidas para dizer que sabemos. Portanto, não existe conhecimento de coisas falsas. Não sendo possível conhecer algo falso, não se segue que seja possível conhecer uma notícia que é falsa.

O conceito de notícia falsa, dado sua autocontradição presente em sua definição epistêmica, gera avanços tão significativos quanto uma teoria do triângulo de quatro lados, pois a definição epistêmica de notícia falsa, após fácil inspeção, revela-se como um conceito que padece de incoerência conceitual<sup>24</sup>: partindo de algo estabelecido como conhecimento, depois afirma que este não atende a um dos critérios necessariamente requisitados pela definição tradicional de conhecimento – em outras palavras, uma notícia falsa é e ao mesmo tempo não é uma notícia: verdadeira quando é e falsa quando não é.

Um problema ainda maior surge dessa incoerência conceitual: o conceito de notícia falsa viola o Princípio da Não-Contradição (PNC). O PNC, em sua formulação estritamente metafísica, nos diz que não é possível uma propriedade estar e não estar em um objeto ao mesmo tempo. Tal formulação da PNC não somente engloba as proposições que compõem uma notícia como também engloba a realidade extramental macrofísica a que essa mesma se refere. Tuomas Tahko é claro ao falar sobre a estrita relação entre o PNC e a realidade:

Na sua forma mais simples, a interpretação metafísica do PNC leva ao seguinte: as entidades da realidade extramental são plausivelmente regidas por algum tipo de princípio (de contrário não haveria ordem na nossa experiência delas), isto é, há algumas restrições sobre o tipo de propriedades que certo tipo de entidade pode e não pode ter e, além

<sup>24</sup> BAGGINI; FOLS, 2012. p. 107-109.



---

disso, algumas dessas propriedades são mutuamente excludentes. [...]. Parece que a realidade é tal que ela se conforma ao princípio da não-contradição. (TAHKO, 2019).

Se é a PNC um princípio metafísico verdadeiro sobre a realidade extramental macrofísica – estou aqui de acordo com o Tuomas Tahko -, então não é possível uma notícia falsa, pois isso implicaria, ao mesmo tempo, que essa é uma notícia quando verdadeira e não é uma notícia quando falsa. Se (1) notícia falsa é toda notícia que é falsa e (2) não existe na realidade extramental macrofísica um objeto que viole o PNC, então (3) *não existe notícia falsa* - dado a definição epistêmica do conceito de notícia falsa, em última instância, nos levar a uma violação da PNC. Com relação a existência<sup>25</sup>, trato dela como uma propriedade de segunda ordem. Melhor dizendo: quando digo que não existe notícia falsa, estou a dizer que a propriedade de ser uma notícia falsa não tem objetos na sua extensão, portanto, não existe nenhum objeto na realidade que tenha a propriedade de ser uma notícia falsa. A extensão do conceito de notícia falsa é um conjunto vazio, sendo nonsense tanto continuar a nos referirmos a notícia falsa quando a sua definição, pois quando usamos esse conceito, estamos nos referindo a absolutamente nada.

O que deve ter originado todo esse problema concernente a definição epistêmica do conceito de notícia falsa foi um erro categorial. Um erro categorial é o ato de pensar uma coisa de maneira errada. Um exemplo de erro categorial seria

[...] o de um turista estrangeiro a quem se mostram todas as faculdades, bibliotecas e outros edifícios da Oxford University, mas que então pergunta: "Mas onde está a universidade?" Seu erro foi pensar que a própria universidade era um edifício, como a biblioteca e as faculdades, em lugar da instituição à qual estas pertencem. (BAGGINI; FOLS, 2012. p. 99).

O erro categorial da notícia falsa está na possível definição que podemos inferir quando entramos em contato com esse conceito: inicialmente, apenas tendo-o em vista, o percebemos como um neologismo. Mais especificamente, essa é uma palavra nova formada através de uma composição por justaposição: ao adicionarmos a palavra “falsa”

---

<sup>25</sup> Ver TEIXEIRA, 2019 e BRANQUINHO, 2015.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



na frente da palavra “notícia”, espera-se que esta nova palavra capte o fenômeno que pretendemos referir. No fim, a palavra “falsa” está na frente da palavra “notícia” para negar o seu sentido. Mas, visando negar o sentido da palavra notícia, acabou-se por criar uma autocontradição. Uma notícia é uma forma de específica de conhecimento por testemunho e todo conhecimento é verdadeiro. Ao adicionarmos a falsidade ao mesmo tempo que usamos um termo onde a verdade está inerente nele, tornamos a definição do conceito que une esses termos algo insustentável. Ademais, o notícia falsa é uma palavra que nos leva a pensar a notícia em termos de bivalência: se existe notícia falsa, então existe uma notícia verdadeira. O princípio da bivalência<sup>26</sup> existe, sendo formulado da maneira que se segue: toda proposição é verdadeira ou falsa, e não há outra alternativa. Não obstante, de um ponto de vista epistêmico, não faz sentido a notícia ser falsa: ou ela é verdadeira ou ela não é uma notícia.

Após toda essa análise conceitual, constata-se que a falsa bilavência que a palavra notícia falsa suscita nos leva a um erro categorial que desemboca numa incoerência conceitual. Essa sequência de erros nos levou a adotar um conceito nonsense e incoerente desde sua origem. Apesar de, no fim, concluir-se que não existe notícia falsa, o fenômeno que este conceito tenta abarcar ainda existe – e provavelmente continuará a existir. Não sendo notícia falsa um conceito adequado para se referir a esse fenômeno, em troca, proponho o conceito de *não-notícia*. O termo não-notícia não apenas impede de cairmos num erro categorial – este não recorre a uma palavra que nos invoque uma falsa bivalência – como obtém sucesso ao reforçar a falsidade das proposições que o compõem, tornando-o efetivamente separado da notícia, pois esta é apenas verdadeira.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Anabela Gradim. *Manual de Jornalismo*. Covilhã, Portugal: Livros Labcom, 2000. Coleção Estudos em Comunicação.

BAGGINI, Julian; FOLS, Peter S. *As ferramentas dos filósofos: um compêndio sobre conceitos e métodos filosóficos*. Trad. Luciana Pudenzi. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

---

<sup>26</sup> BAGGINI; FOLS, 2012. p. 96-98.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



BRANQUINHO, João. “Existência”. In: BRANQUINHO, João; SANTOS, Ricardo (eds.). *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2015.

CONCEITO. Dicionário escolar de filosofia, 1 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://criticanarede.com/c.html>>. Acesso em: 31 de março de 2019.

CONCEITO ABERTO/CONCEITO FECHADO. Dicionário escolar de filosofia, 1 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://criticanarede.com/c.html>>. Acesso em: 31 de março de 2019.

COSTA, Cláudio F. Teorias da verdade. Disponível em: <[http://criticanarede.com/met\\_tverdade.html](http://criticanarede.com/met_tverdade.html)>. Acesso em: 20 de setembro de 2017.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificação em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. São Paulo: Editora Ática S. A, 1991.

EXISTÊNCIA. Dicionário escolar de filosofia, 1 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://criticanarede.com/e.html>>. Acesso em: 01 de abril de 2018.

EXTENSÃO. Dicionário escolar de filosofia, 1 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://criticanarede.com/e.html>>. Acesso em: 31 de março de 2019.

GETTIER, Edmund. Is Justified True Belief Knowledge? *Analysis*, Oxford, v. 23, n. 6, p. 121-123, jun. 1963.

INTENSÃO. Dicionário escolar de filosofia, 1 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://criticanarede.com/i.html>>. Acesso em: 31 de março de 2019.

LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Editora Ática S. A, 2004.

LISBOA, Sílvia; BENETTI, Marcia. O jornalismo como crença verdadeira justificada. *Brazilian Journalism Research*, Brasília, v. 11, n. 2, p. 10-29, 2015.

MOREIRA, Delvair. Epistemologia do Testemunho: Como Justificamos Crenças Baseadas na Palavra dos Outros? In: MÜLLER, FELIPE DE MATOS; LUZ, ALEXANDRE MEYER (Orgs.). *O que NÓS conhecemos?* Ensaios em epistemologia individual e social. Porto Alegre: Editora Fi, 2015, p. 15- 43.

NUNES, Álvaro. O que é conhecimento? Disponível em: <<http://criticanarede.com/anunesoqueeoconhecimento.html>>. Acesso em: 04 de novembro de 2017.



II Congresso de Jornalismo da Amazônia  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM  
Manaus (AM), de 08 a 12 de abril de 2019



PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA JUNIOR, Luiz Costa. *A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

RUAS, Paulo. Conceitos, juízos e raciocínios. Disponível em: <[https://criticanarede.com/fil\\_conceitosjuizos.html](https://criticanarede.com/fil_conceitosjuizos.html)>. Acesso em: 01 de abril de 2019.

RODRIGUES, Luís Estevinha. “Conhecimento”. In: BRANQUINHO, João; SANTOS, Ricardo (eds.). *Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

SCHMITZ, Aldo Antonio. *Fontes de notícias: ações e estratégias das fontes empresariais nas relações com jornalistas de economia e negócios*. 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2010.

SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 2. n. 1, p. 95-107, 1º semestre de 2005.

SILVERMAN, Craig. Eu ajudei a popularizar o termo ‘fake news’, mas hoje sinto calafrios ao ouvi-lo. Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/br/craigsilverman/historia-fake-news>>. Acesso em: 31 de março de 2019.

SOBER, Elliott. O que é conhecimento? Disponível em: <[http://criticanarede.com/fil\\_conhecimento.html](http://criticanarede.com/fil_conhecimento.html)>. Acesso em: 04 de novembro de 2017.

TANDOC JR., Edson C.; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. Define “fake news”: a typology of scholarly definitions. *Digital Journalism*, London, v. 6, n. 2, p. 137-153.

TAHKO, Tuomas E. A lei da não-contradição como princípio metafísico. Disponível em: <<https://criticanarede.com/metafisicadopnc.html>>. Acesso em: 01 de abril de 2019.